

ESTRUTURAS EXISTENCIAIS: a variação *Ter/Haver* no *corpus* constituído para ALiMA*

EXISTENTIAL STRUCTURES: the variation *to have / there to be* in the corpus of the ALiMA

ESTRUCTURAS EXISTENCIALES: la variación *tener/haber* en el *corpus* constituído para el ALiMA

Conceição de Maria de Araujo Ramos
Wendel Silva dos Santos

Resumo: No nível morfossintático, um dos fenômenos que caracterizam o português brasileiro contemporâneo e o distanciam da variedade europeia diz respeito ao emprego dos verbos *ter* e *haver*. Partindo dessa realidade da língua, este estudo busca examinar, com base na fala de nove comunidades maranhenses, integrantes da rede de pontos do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, o uso variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas existenciais. A análise, apoiada nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, leva em conta não só os dados coletados por meio da aplicação do questionário morfossintático do ALiMA (questões 46 e 47), mas também as perguntas metalinguísticas que compõem o *corpus* do atlas. O exame do *corpus* evidenciou que o uso do verbo *haver* em construções existenciais tem-se tornado cada vez mais raro, com o verbo *ter* sendo suplantado pelo *haver*. Esse fato assinala que o Maranhão, com relação ao fenômeno investigado, não apresenta comportamento diferenciado do conjunto dos falares brasileiros.

Palavras-chave: Ter e haver. Estruturas existenciais. Atlas Linguístico do Maranhão.

Abstract: At the morphosyntactic level, one of the phenomena that characterizes the contemporary Brazilian Portuguese and makes it far distant from the European variety it is related to the use of the verbs *to have* and *there to be*. From that reality of the language and based on the different ways of speaking in nine cities of Maranhão State, which belong to the network points of the Linguistic Atlas of Maranhão – ALiMA, this study searches for examining the variable use of the verbs *to have* and *there to be* in existential structures. The analysis, based on theoretical and methodological foundations of Variationist Sociolinguistics takes into account not only the data collected through the morphosyntactic questionnaire of the ALiMA (questions 46 and 47), but also metalinguistic questions that constitute the *corpus* of that atlas. The examination of that corpus showed that the use of the verb *there to be* in existential constructions has become increasingly rare, being more frequent the use of the verb *to have* instead. In relation to the phenomenon under investigation, this fact indicates that Maranhão State does not present a different behavior from other Brazilian parts.

Keywords: The verbs *to have* and *there to be*. Existential structures. Linguistic Atlas of Maranhão State.

Resumen: A nivel morfosintático, uno de los fenómenos que caracteriza el portugués brasileño contemporáneo y lo aleja de la variedad europea es el empleo de los verbos tener y haber. En vista de esa realidad de la lengua, este estudio intenta investigar, basándose en el habla de nueve comunidades marañenses, integrantes de la red de puntos del Atlas Lingüístico del Maranhão – ALiMA, el uso variable de los verbos tener y haber en estructuras existenciais. El análisis, apoyado en los fundamentos teóricos y metodológicos de la Sociolingüística Variacionista, considera no sólo los datos obtenidos por medio de la realización del cuestionario morfosintático del ALiMA (cuestiones 46 y 47), sino también las preguntas metalingüísticas que componen el corpus del atlas. El examen del corpus pone de relieve que el empleo del verbo haber en estructuras existenciais es cada vez menos frecuente, y que hay un predominio del verbo tener en ese tipo de estructura. Ese hecho comprueba que el Maranhão, en lo que concierne al fenómeno investigado, no presenta comportamiento diferente del conjunto de hablas brasileñas.

Palabras clave: Tener y haber. Estructuras existenciais. Atlas Lingüístico del Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo focalizamos um fenômeno frequente no português brasileiro e evidente morfossintático que se tem mostrado bastante no português falado no Maranhão – a variação

* Trabalho premiado durante o XXIII Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 08 a 11 de novembro de 2011.
Artigo recebido em fevereiro 2012
Aprovado em abril 2012

nos usos dos verbos *ter* e *haver* em estruturas existenciais.

Como evidencia o estudo de Ramos e Bezerra (2009), já no século XIX havia uma tendência manifesta, na modalidade escrita do português do Maranhão, ao uso de *ter* por *haver* nesse tipo de estrutura. Nesse marco temporal, ainda segundo o estudo citado, o verbo *ter* tem como contextos favorecedores de seu emprego as construções com sintagmas adverbiais e preposicionais locativos ou temporais à esquerda do verbo, enquanto o verbo *haver* predomina em estruturas que contêm argumentos de natureza [+ material] ou [- material].

Levando em consideração o trabalho de Ramos e Bezerra (2009), buscamos investigar, no momento presente, século XXI, o uso variável desses verbos, de modo a identificar qual das duas variantes linguísticas tem-se mostrado mais recorrente no Estado.

Com este trabalho, acreditamos ter condições de, na esfera estadual, obter um maior conhecimento acerca da variante mais usada, o que nos possibilita estudar o vernáculo¹ maranhense e contribuir, conseqüentemente, para uma descrição mais ampla do português brasileiro. O conhecimento mais amplo e detalhado da realidade linguístico-cultural do País mostra-se fundamental para o direcionamento de uma política linguística que melhor oriente o processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa e lhe ofereça subsídios, de modo que, por meio desse processo, a escola

[...] possibilite ao aluno ampliar sua mobilidade sociolinguística, isto é, [...] lhe garanta transitar de maneira mais adequada, autônoma e eficiente pela heterogeneidade linguística, em lugar de atrelá-lo ao estudo de uma língua dissociada das práticas socioverbais [...] (RAMOS, 2007).

Ainda nessa perspectiva linguístico-social, objetivamos contribuir para a percepção/compreensão de que o comportamento linguístico dos usuários de uma determinada língua e as diferenças linguísticas são indicadores da estratificação social a propósito (BORTONI-RICARDO, 2005). Isso implica dizer que as diferenças, em princípio entendidas apenas como linguísticas, são sociolinguísticas e culturais, razão por que dão margem a preconceitos, principalmente em se tratando de países como o Brasil, marcados por profunda desigualdade na distribuição de renda, o que, conseqüentemente, obstaculiza o acesso aos bens culturais, entre os quais se situam a língua e suas variantes socialmente prestigiadas.

É, pois, dever de uma escola voltada para a cidadania respeitar e valorizar as diferenças

sociolinguísticas e culturais de seus alunos e, ao mesmo tempo, facultar-lhes o conhecimento e a apropriação da norma culta², a fim de que estes respondam às exigências da sociedade e nela transitem de forma adequada, explorando de maneira proficiente as possibilidades que a língua lhes oferece.

Outra motivação para a realização desta pesquisa é a possibilidade de contribuir para o preenchimento de uma lacuna no âmbito dos estudos linguísticos sobre o português falado no Estado, uma vez que, até onde pudemos investigar, há escassos trabalhos com dados do Maranhão sobre a temática com a qual ora nos ocupamos. Dentre os trabalhos existentes, destacamos o já mencionado estudo de Ramos e Bezerra (2009) que focaliza o uso dos verbos *ter* e *haver* em estruturas existenciais no português do Maranhão, em uma perspectiva sócio-histórica. Nesse estudo, os autores trabalham com dois *corpora*. O primeiro consiste em anúncios de jornais maranhenses do século XIX. O segundo, que tem como marco temporal o século XXI, apresenta amostras da fala de pessoas naturais de São Luís, capital do Estado, e de Brejo. As amostras foram extraídas do Banco de Dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão.

No item 2, a seguir, comentamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. No item 3, apresentamos um breve panorama histórico dos estudos sobre o uso variável dos verbos *ter* e *haver*. No item 4, descrevemos os resultados de nossa análise.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao estudarmos a língua considerando sua relação com o contexto social, histórico, geográfico em que seus usuários se inserem, não podemos perder de vista a heterogeneidade linguística, resultado da diversidade existente no interior dos grupos sociais. É essa diversidade que constitui o objeto de estudo de trabalhos que se situam na interface Geolinguística-Dialetologia/Sociolinguística.

Vale ressaltar que a disposição dos elementos que compõem este aparente trinômio tenta dar conta e, conseqüentemente, não perder de vista as reflexões de Elizaincín (2010) sobre o *status* atual da Geolinguística. Segundo o autor, epistemologicamente, a Geolinguística não tem o *status* de disciplina: trata-se, de fato, de um *método possível e recomendável*

de que se utiliza a Dialetoлогия para investigar e interpretar a variação no eixo espacial.

Assim, este trabalho se insere no âmbito dos tênues limites que se estabelecem entre Geolinguística-Dialetoлогия e a Sociolinguística, já que ambas enfocam a língua em seu contexto espacial – eminentemente *geográfico*, em se tratando da Geolinguística-Dialetoлогия, prioritariamente social, no que concerne à Sociolinguística.

De acordo com Corvalán (apud CARDOSO, 2010, p. 26), a Dialetoлогия e a Sociolinguística têm sido consideradas sinônimas,

[...] uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetoлогия reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística.

Aliando, portanto, os enfoques teórico-metodológicos da Geolinguística-Dialetoлогия aos da Sociolinguística Variacionista, constituindo-se, pois, em um estudo geo-sociolinguístico, esta pesquisa se estrutura nas seguintes etapas: (i) pesquisa bibliográfica no âmbito da Linguística e da Sociolinguística, com ênfase nos estudos sobre morfossintaxe; (ii) delimitação e seleção do *corpus* com base nos inquéritos pertencentes ao Banco de Dados do Projeto ALiMA³, realizados em nove localidades integrantes da rede de pontos do atlas – São Luís, Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu⁴, o que possibilitou investigar o fenômeno nas cinco mesorregiões em que se divide o Estado (Norte, Sul, Leste, Centro e Oeste) e (iii) análise estatística dos dados e verificação de percentuais de ocorrência do fenômeno em estudo, por meio da codificação dos dados e do uso do programa computacional *Varbrul*.⁵

As amostras de fala analisadas foram obtidas a partir da aplicação do questionário morfossintático⁶ e da realização das perguntas metalinguísticas⁷.

3 TER E HAVER:

algumas posições teóricas

Muitos pesquisadores têm-se ocupado em verificar o uso variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas existenciais (RAMOS; BEZERRA, 2009; CALLOU; AVELAR, 2002; GÄRTHNER, 1996, entre outros). Alguns desses estudos têm demonstrado que a alternância nos usos de *haver* e *ter* em construções existenciais é uma das características mais marcantes do português falado no Brasil (LEITE; CALLOU;

MORAES, 2002). Essa característica também tem evidenciado que, cada vez mais, o português brasileiro se distancia do português europeu e se aproxima do português falado em países africanos, como Moçambique e Angola (LEITE; CALLOU; MORAES, 2002).

Com isso, pensamos que se torna bastante pertinente traçar, mesmo que sucintamente, o percurso histórico, bem como o atual dos usos de *ter* e *haver*, a fim de melhor compreendermos o objeto de nosso estudo.

Sabemos que, historicamente, os verbos *haver* e *ter* apresentam uma diversidade significativa tanto no que concerne à estrutura sintática como à carga semântica. Silva (1996) enumera algumas dessas possibilidades: estruturalmente, esses verbos diversificam quando compõem estruturas com o particípio passado ou quando as estruturas são formadas por tempos compostos, só para citar um exemplo. Semanticamente, podem, ainda, expressar posse e existência.

Em seu estudo "Vitória de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros", Silva (2002) demonstra que *ter* disputou/disputa o espaço com *haver* em pelo menos três campos semânticos, como (i) indicador de posse; (ii) formador de tempos compostos e (iii) indicador existencial.

Nos contextos que indicam posse, a autora conclui, com relação à análise que fez da obra pedagógica de João de Barros, que, "[...] nesse registro alto da língua portuguesa de 1540, o verbo *ter* como verbo de posse teria já substituído o verbo *haver*, característico do período arcaico" (SILVA, 2002, p. 129).

Nas estruturas de posse, Silva (2002, p. 125) buscou distinguir "[...] a natureza semântica do complemento do verbo, o chamado 'objeto possuído' em três tipos [...]". São eles:

- a) propriedades inerentes ao possuidor, como em *Paulo tem cinquenta anos*;
- b) propriedades adquiríveis imateriais, morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais, como em *A Maria tem muita fé*;
- c) propriedades adquiríveis materiais, como em *José tem bois e vacas em sua fazenda*.

Os estudos realizados mostraram que, já na metade do século XV, o uso do verbo *ter* excede o uso do verbo *haver*. Já nos contextos que indicam a formação de tempos compostos – ou, como nomeia João de Barros, *tempos per maneira de rodeo* (SILVA, 2002) – remonta ao século XIII.

Said Ali e Epiphânio Dias (apud SILVA, 2002, p. 129) consideram

[...] que o <<tempo composto>> do período arcaico era formado de *ser mais participio passado* (PP) de verbos não-transitivos e que o <<tempo composto>> formado de *ter mais PP* só virá a ocorrer no português moderno, quando deixa de haver a concordância do PP [adjetivo] de verbos transitivos com seu complemento direto (CD).

Em sua teorização acerca do tempo composto, João de Barros (apud SILVA, 2002, p. 130) deixa bem claro que o tempo composto é formado com o verbo *ter*, a exemplo de *Tendo andado*, e que o verbo *haver* forma o tempo futuro (tempo *per rodeo vindoiro*), a exemplo de *Haver de amar*.

Ramos e Bezerra (2009) chamam a atenção para o que Silva (2002) postula sobre a variação *haver / ter*, tendo como base a *Carta de Caminha*. Segundo os autores,

[...] são os contextos opacos, isto é, aqueles em que o verbo *ter* pode receber uma interpretação existencial sem que a interpretação possessiva seja excluída, que permitiram, ao longo da história do português, a expansão do domínio de *ter* em direção a *haver* existencial [...]

Retirado da própria *Carta de Caminha*, o fragmento seguinte exemplifica a citação de Ramos e Bezerra: “[...] se metiam [eles] em almaadias duas ou tres que hy tinham”.

No estudo sobre a *Carta de Caminha*, Silva (1996, p. 186) reitera as condições de uso dos verbos *haver*, afirmando que:

[...] é *haver* o verbo existencial utilizado, ou seja, é o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial. É nessas estruturas que se concentram as ocorrências de *haver* (18 das 38).

Ao explicitar as condições de uso para o verbo *ter*, Silva (1996, p. 192) afirma que, no período arcaico, o verbo “[...] *ter* é, por excelência, um verbo de posse [...]”, mas apresenta variação com *haver* na construção de estruturas possessivas do tipo bens adquiríveis imateriais por parte do possuidor, como em “*Ele tem fé*”.

Ressaltamos, porém, que essas acepções dos verbos *ter* e *haver* têm a ver com as condições de uso no contexto em que se insere o período arcaico da língua portuguesa. Silva (apud RAMOS; BEZERRA, 2009), em seu *Diccionario da lingua portugueza*, registra duas acepções para o verbo *haver*. A primeira documenta o verbo *haver* com o significado de *ter*, conseguir, alcançar, obter, a exemplo de “*houve della dois filhos*”. A segunda apresenta o verbo *haver* com o significado de existir,

tal qual a gramática normativa o concebe atualmente, a exemplo de “*ha homens virtuosos, e outros que não o são*”.

Silva reconhece, no entanto, que essa é a visão dos gramáticos e, em seguida, acrescenta a acepção que crê ser a adequada em se tratando do verbo *haver*. Segundo o autor, *haver* é um verbo *ativo*, que significa *possuir, ter*.

Em *O dialeto caipira*, Amaral (1976), responsável por um dos primeiros trabalhos sobre o português do Brasil elaborados sob a perspectiva da Dialectologia tradicional, com enfoque na morfossintaxe, descreve os usos do verbo *haver* e *ter* impessoais. Para o autor, temos utilizado *ter* impessoalmente em vez de *haver*. Ele afirma que essa variação se dá em estruturas em que o complemento não encerra a noção temporal. O exemplo a seguir, extraído de Amaral, ratifica seu pensamento: “**Tinha** muita gente na eigreja” e “**Tem** home que não gosta de caçada”.

O autor complementa sua descrição, afirmando que “quando o complemento é **tempo, ano, semanas**, emprega-se às vezes **haver**, porém, mais geralmente, **fazer** [...]” (AMARAL, 1976, p. 77). O verbo *haver*, segundo o autor, está sendo utilizado em raras construções, levando, conseqüentemente, ao avanço do verbo *ter* em estruturas existenciais.

Em seu estudo sobre o português europeu e o português brasileiro, Monteiro (1959), por sua vez, afirma que, no português falado no Brasil, o verbo *ter* segue a mesma evolução do verbo *habēre* no latim vulgar. Segundo o autor, o verbo que possuía a carga semântica de *existir* era o verbo *esse*: “*Erant omnino itinera duo*”.

No percurso histórico que ora empreendemos, um salto no tempo nos leva aos usos reais do português observados por Neves (2003, p. 744), em seu *Guia de Usos do Português*. Nessa obra, que se baseia em uma extensa base de dados, a autora conclui que a ocorrência de *ter* existencial “[...] é usual, especialmente na linguagem menos formal”, contrariando os preceitos do que ela denomina *gramática tradicional*, que prevê o verbo *haver* e não o verbo *ter* nas construções existenciais. Neves reconhece o alargamento do domínio de *ter* em direção ao espaço de *haver*.

Como podemos observar neste breve panorama histórico, a alternância *ter / haver* na língua portuguesa não é um fenômeno recente.

4 A VARIAÇÃO TER / HAVER NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

Os resultados obtidos a partir da análise dos dados nos permitiram fazer inferências sobre o uso variável dos verbos *ter* e *haver* nas seguintes localidades: São Luís, Alto Parnaíba, Bacabal, Balsas, Brejo, Imperatriz, São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu.

Ressaltamos que, para a realização deste estudo, investigamos fatores linguísticos e sociais que podem favorecer, ou não, o uso de uma das variantes estudadas. Consideramos o traço animacidade do argumento interno [\pm animado] e o tempo verbal, como fatores linguísticos; como fatores sociais, levamos em conta a região geográfica, a idade e o gênero do informante.

Logo na distribuição geral dos dados, percebemos que o verbo *ter* ocupa a quase totalidade das ocorrências. A análise geral levou em consideração os fatores sociais e os linguísticos, selecionados para a pesquisa.

Tabela 1 - Distribuição geral dos dados

HAVER	TER	TOTAL
8	322	330
2,4%	97,5%	100%

Fonte: Elaborada pelos autores

Percebemos que, em 330 ocorrências – 100% dos casos –, o verbo *ter* ocorre 322 vezes, representando um percentual de 97,5% dos casos, contra 8 ocorrências de *haver* que, por sua vez, representam, apenas, 2,4% desse percentual.

Com a distribuição dos dados nas localidades investigadas, percebemos que há certa uniformidade nessa distribuição, com exceção de São Luís, que apresenta o maior número de ocorrências, pelo fato de contar com quatro informantes a mais do que as outras localidades, já que inclui a categoria *universitários* (nota IV).

Tabela 2 - Distribuição dos dados por localidade

LOCALIDADES	HAVER	%	TER	%	TOTAL
São Luís	3	4,2%	68	95,8%	71
Alto Parnaíba	2	7,4%	25	92,6%	27
Bacabal	1	2,6%	38	97,4%	39
Balsas	0	-	35	100%	35
Brejo	0	-	43	100%	43
Imperatriz	0	-	49	100%	49
São João dos Patos	2	8,3%	22	91,6%	24
Tuntum	0	-	16	100%	16
Turiaçu	0	-	26	100%	26

Fonte: Elaborada pelos autores

Como podemos perceber na distribuição por localidade, muito escasso tem sido o uso do verbo *haver* em construções existenciais, havendo, inclusive, comunidades em que não registramos qualquer ocorrência do verbo *haver*, como é o caso de Balsas, Brejo, Imperatriz, Tuntum e Turiaçu.

No que concerne à distribuição dos dados entre os sujeitos mais jovens e os mais idosos, verificamos que ambos optam quase que igualmente pela forma inovadora, conforme evidencia a tabela a seguir.

Tabela 3 - Distribuição dos dados por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	HAVER	TER	%
Jovens	2	74	50,3%
Idosos	6	77	54,9%

Fonte: Elaborada pelos autores

Considerando que os resultados evidenciam que são os idosos os que mais utilizam o verbo *ter*, podemos ressaltar que não é recente o processo de mudança no que concerne ao uso dos verbos *haver* e *ter* em estruturas existenciais. Vale enfatizar que é a faixa etária mais idosa que ainda mantém a forma padrão.

Na tabela a seguir, demonstramos a distribuição dos dados quanto ao fator *sexo*.

Tabela 4 - Distribuição dos dados por sexo

GÊNERO	HAVER	TER	%
Homens	3	84	57,6%
Mulheres	5	61	43,7%

Fonte: Elaborada pelos autores

Na distribuição dos dados, observamos que são as mulheres as que mais utilizam o verbo *haver*, com 5 ocorrências; os homens o empregam apenas 3 vezes. Consequentemente, são eles os que mais utilizam o verbo *ter*, com 84 ocorrências, contrastando com o resultado apresentado pelas mulheres, com 61 ocorrências, como ilustra o exemplo a seguir:

Inquiridor – E como era a cidade, antigamente, em termos de festas? O que tu lembra.

Informante – Era... era legal.

Inquiridor – Como é que era, conta aí.

Informante – Era *pequenha*. Quando **tinha** uma festa, **tinha** um lugar, todo mundo ia, e todos alegre, também, né?

No exemplo supracitado, percebemos o comportamento de um homem, da primeira faixa etária, com escolaridade *ensino fundamental*, em relação à construção de uma es-

estrutura existencial. No exemplo a seguir, verificamos o comportamento de uma mulher, da segunda faixa etária, com escolaridade *universitária*, também, em relação a uma estrutura existencial:

Inquiridor – Como era a cidade, antigamente, assim, em termos de festas, né? O que é que acontecia aqui? Você se lembra, assim, nas festas aqui de São Luís?

Informante – Em São Luís? O que é que acontecia? Com as festas, assim, mais, que eu mais participava eram as festas de natal porque **tinha** um pastoral que é... que hoje se chama auto de natal, né, o teatro. Mas chamava pastoral, onde **tinha** o nascimento, tinha... primêro **tinha** a anunciação pelo anjo Gabriel, então, eu sempre era o anjo Gabriel porque tinha o cabelão cumprido era bem magra e... e cantava bem.

A partir dos exemplos, confirmamos a quase equivalência entre homens e mulheres quanto ao uso do verbo *ter*. Verificamos que não há, por parte dos falantes, estigma no que concerne ao uso deste verbo na construção de estruturas existenciais. A seguir, verificamos a distribuição dos dados, levando em consideração os fatores linguísticos *animacidade do argumento interno* e *o tempo verbal*.

Tabela 5 - Fator linguístico – animacidade do argumento interno

ANIMACIDADE DO ARGUMENTO INTERNO	HAYER	TER	%
- animado	5	99	68,8%
+ animado	3	44	31,1%

Fonte: Elaborada pelos autores

Segundo Avelar (2006, p. 58), a *animacidade do argumento interno* permite a seguinte divisão:

- a) animado, inanimado material, espaço (designação de locais públicos, bairros, cidades, regiões, localização em geral), abstrato e,
- b) evento.

Essas duas possibilidades apresentam como características comuns os traços [+ animado] e [- animado].

No *corpus* analisado, verificamos o favorecimento do verbo *ter* em todos os tipos de argumentos, como demonstrado nos exemplos a seguir:

Inquiridor – E como era a cidade, aqui, antes. Como era Bacabal?

Informante – Aqui? Bacabal, aqui, era pequeno, era pequeno. Num tinha **muita**, num

tinha muito emprego, num **tinha**... nada, num **tinha** supermercado, tudo pequeno. Aí depois foi crescendo, crescendo. (Inint.) era supermercados, Paraíba, essas loja aí tudo. Foi desenvolvendo mais a cidade. Cresceu...

O exemplo mostrado corrobora a distribuição dos dados na Tabela 5. Para os casos de *animacidade do argumento interno* [+ animado], há 44 ocorrências do verbo *ter* e apenas 3 do verbo *haver*, selecionado no exemplo a seguir:

Inquiridor – Então por essa sua colocação você percebe que há diferenças... entre o Maranhão e outros estados.

Informante – Há sim. Há sim. Isso, isso. Há diferenças entre uma pessoa maranhense e uma pessoa de São Paulo, como eu tava falando.

Sobre este exemplo, evidenciamos que foi realizado por um indivíduo da segunda faixa etária, com escolaridade *universitária*. Essas duas características poderiam mostrar certa manutenção da norma, mas, com a escassa ocorrência do verbo *haver*, não sustentamos tal possibilidade.

No que concerne à *animacidade do argumento interno* [- animado], há 99 casos do verbo *ter* e 5 ocorrências do verbo *haver*, como demonstrado no exemplo a seguir:

Inquiridor – E havia festa?

Informante – Havia.

Inquiridor – Como é que era?

Informante – Tocada de sanfona, de vela. Aí, as coisa foi melhorando. **Havia** uns lampião. Eles compravam um lampião, né, levavam prá lá, era assim. Quando eu era nova, ah, eu dancei muito. Gora não, cabou, morreu a puga do pé, nem lembro.

Essas 5 ocorrências do verbo *haver* existencial, das quais duas foram exemplificadas acima, nos parecem, no entanto, resultado da fala do entrevistador que, ao utilizar o verbo *haver* na pergunta, motivou o falante a realizá-lo quando de sua resposta.

Na tabela a seguir, verificamos a distribuição dos dados em função dos tempos verbais presente e pretérito.

Tabela 6 - Fator linguístico – tempo verbal

TEMPO VERBAL	HAYER	TER	%
pretérito	3	41	29,1%
presente	5	102	70,8%

Fonte: Elaborada pelos autores

Em uma perspectiva geral, percebemos o maior número de realizações no tempo pre-

sente, com 107 das 151 ocorrências – 70,8% do total, distribuídas entre os verbos *haver*, com 5 ocorrências, e o verbo *ter*, com 102. Com o verbo no pretérito, verificamos um total de 44 ocorrências – 29,1% do total, distribuídas entre os verbos *haver*, com 3 ocorrências, e o verbo *ter*, com 41 ocorrências desse total.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de nossa pesquisa mostram que o uso do verbo *haver* em construções existenciais tem-se tornado cada vez mais raro, com o verbo *ter* suplantando o verbo *haver* e corroborando as análises de Mattos e Silva (2002) que evidenciam o alargamento do domínio do verbo *ter*, que passa a compor estruturas existenciais no português, a partir do século XVI.

Constatamos, assim, a consolidação do uso do verbo *ter* em estruturas existenciais, na língua falada no Maranhão. As raras ocorrências de *haver* existencial em nossos dados aparecem na fala de idosos e de universitários; entre os universitários, como resultado do efeito gatilho, como comentado e exemplificado anteriormente. Confirmando, assim, o que disse Jucá Filho (1953, p. 102) na década de 50 do século passado “[...] qualquer que viva no Brasil sabe que o verbo *haver* é entre nós exótico [...]”.

Os resultados obtidos com relação ao fenômeno investigado evidenciam a urgência que temos de criar, na escola, um ambiente propício para que se desenvolva um processo ensino-aprendizagem que leve em conta as diferenças sociolinguísticas e culturais presentes no cotidiano dos alunos.

A substituição do verbo *haver* pelo verbo *ter*, em estruturas existenciais, é a materialização do pensamento de Bortoni-Ricardo (2005, p. 176), ao afirmar que, “[...] Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas”. É isso que nos mostra esta fotografia do uso real do português falado no Maranhão.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à UFMA e ao CNPq, que financiaram e apoiaram esse projeto de pesquisa

NOTAS

1. O termo vernáculo foi aqui usado segundo a perspectiva laboviana (LABOV, 1983 [1972]),

isto é, foi empregado para aludir à fala mais espontânea possível, quando a atenção dada ao controle do discurso, pelo falante, é mínima.

2. No âmbito da Linguística, as variedades cultas são aquelas que “[...] ocorrem em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica e, em consequência, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal.” (FARACO, 2007, p. 33). Nessa perspectiva, as variedades cultas, resultado do uso normal, frequente da língua, se distanciam da norma padrão, por ser esta resultado de uma tentativa de homogeneização da língua que nega a diversidade sociolinguística, constituindo-se, portanto, em uma idealização.
3. Os informantes do ALiMA, em número de quatro por localidade investigada, exceto em São Luís, onde foram entrevistadas oito pessoas, são selecionados com base no perfil descrito, a seguir. Pessoas de ambos os sexos, distribuídas, igualmente, em duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos. Quanto à escolaridade, são considerados sujeitos alfabetizados e que tenham cursado, no máximo, até a 4ª série do Ensino Fundamental. Apenas na capital do Estado, onde há maior densidade populacional e grande diversidade de estratos sociais, o número de informantes é maior, de modo a incluir universitários. Os informantes devem ser naturais da localidade linguística pesquisada, devendo não se ter dela afastado por mais de um terço de suas vidas. Seus pais devem ser também, preferencialmente, da mesma localidade linguística.
4. A realização da pesquisa em Alto Parnaíba, Balsas e Imperatriz foi financiada pelo CNPq, processo no 402408/2006-3, bem como a de São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu, processo no 401119/2009-2.
5. Desenvolvido por Sankoff e Rousseau, o *Varbrul* consiste em “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (GUY; ZILEES, 2007, p. 105).
6. Do questionário morfossintático, foram selecionadas as duas questões que investigam diretamente a ocorrência do emprego dos verbos *ter* e *haver* em estruturas existenciais. São elas: a questão 46 – Como era esta cidade, antigamente, em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?] – e a 47 – Você/ o(a) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta?.
7. Foram selecionadas as seis questões metalinguísticas: 1 - Como chama a língua que você/ o(a) senhor(a) fala?; 2 - Tem gente que fala diferente aqui em _____ (citar a cidade onde está)? Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”; 3 - Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “que falam diferente”?; 4 - E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (citar a cidade

onde está)?; 5 - Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?; 6 - No passado, falavam diferente aqui?

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora "O Livro", 1976.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX. *Humanitas*. São Paulo, v. 3, p. 47-67, 2002.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y geolingüística: nueva alianza em lós estúdios sobre El uso lingüístico. *Estudios Lingüísticos e Literários*. Salvador, n. 41, p. 13-28, jan./jun. 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Série Linguagem).
- FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, Djane Antonucci. (Org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: UEPG, p. 21-50. 2007.
- GÄRTNER, Eberhard. Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique. *Confluência*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 27-58, 1996.
- JUCÁ FILHO, Cândido. *O fator psicológico na evolução sintática: contribuições para uma estilística brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simão, 1953.
- LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Tradução: José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. Tradução de Sociolinguistic Patterns, 1972.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002. v. 1. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. A variação haver/ter. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, p. 183-193. 1996.
- _____. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e.; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Org.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, p. 121-142. 2002.
- _____. A variação ser/estar e haver/ter nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos e.; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Org.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, p. 145-160. 2002.
- MONTEIRO, Clóvis. Evolução gramatical do português falado no Brasil. In: MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, p. 137-143. 1959.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de usos do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Os atlas lingüísticos e o ensino da língua portuguesa. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 3 ECLAE., 2007, Maceió. *Anais...* Maceió: GELNE, 2007.
- _____. BEZERRA, José de Ribamar Mendes. Estruturas com ter e haver em anúncios de jornais maranhenses do século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 1., 2009, Salvador. *Anais...*, Salvador, 2009.